

CTB - CENTRAL DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS

Onofre Gonçalves

Bom dia, companheiros e companheiras.

Eu sou Onofre Gonçalves, sou da CTB e da Secretaria de Assuntos Previdenciários da CTB. Quero trazer aqui um forte abraço do nosso presidente, companheiro Adilson Araújo, que era para estar aqui hoje, mas está em uma atividade nacional fora de São Paulo e, por isso, não pôde estar presente. Mas trago um abraço a todos os companheiros e companheiras.

Companheiro Vítor, quero aqui parabenizar, em nome do DIEESE, os 70 anos do DIEESE, uma entidade fundamental, que tem ajudado muito e que é muito valorosa para o movimento sindical. Tem produzido muitos textos importantes e orientado a classe trabalhadora para que a gente possa tocar a vida. Cumprimento aqui os companheiros e companheiras das centrais, cumprimento a todos.

Eu falei aqui, o Neto brincou ali: “não, eu não tenho 73 anos”, mas o Luizinho falou que tem 77, então é mais velho que o DIEESE.

Mas é isso, companheiros e companheiras. Acho que, muito rapidamente aqui, existem três desafios muito grandes para o movimento sindical, e o DIEESE provoca o movimento sindical a tratar desse assunto, que não tem resposta fácil. Nós não acreditamos que ninguém aqui tenha uma resposta pronta para resolver o problema.

Mas acho que não é falta de interesse nem de debate, porque o DIEESE tem feito isso ao longo dos anos, tem feito esse debate com a classe trabalhadora.

O problema é que o Brasil, historicamente, é um país desigual. Essa é a grande verdade: a desigualdade no Brasil é muito grande. E aqui existe o andar de cima e o andar de baixo: a riqueza no andar de cima e a pobreza no andar de baixo, onde está a classe trabalhadora.

Essa é a grande verdade. Isso gera um desequilíbrio muito grande e traz um impacto violento sobre a classe trabalhadora. Então, precisamos ter isso muito claro.

Como resolver esse problema? Nós melhoramos o salário mínimo? É verdade, e isso veio a acontecer dos governos Lula para cá. Melhorou o salário mínimo, houve avanços. Mas eu pergunto: é suficiente? Não, não é. E o DIEESE

já constatou isso em pesquisas.

Não é suficiente para resolver o problema da classe trabalhadora.

Nós temos lutado muito, muito, para derrubar os juros. Não conseguimos. Juros altos fazem parte desse problema. Então, esse impacto é muito duro. E ele impacta a saúde, a educação, tudo o que a gente pode pensar.

Então, eu acho que aqui, companheiros, a situação é muito difícil. Mas acho que a classe trabalhadora e as centrais que estão aqui presentes não estão fora disso.

Acho que precisamos aprofundar esse debate. Entender como é que nós dialogamos, daqui para frente, com a classe trabalhadora, com essa juventude que está no mercado de trabalho. Como é que nós falamos com eles? Eu tenho a leve impressão de que a nossa linguagem com essa juventude está um pouco distorcida. Acho que a gente não consegue se comunicar, de fato, com essa classe mais jovem no mercado de trabalho.

Acho que precisamos repensar um pouco isso, para que a gente possa ter os avanços necessários para dialogar e avançar nessas questões que estão colocadas aqui.

Acho que é fundamental que o salário mínimo esteja regulamentado, que aumente e avance, para que a gente resolva o problema do andar de baixo, que é onde está inserida a classe trabalhadora.

Eu deixo aqui essas palavras aos companheiros. Sei que o tempo é curto e a gente acaba — sindicalista não pode ver um microfone.

Então, precisamos nos corrigir aqui, mas fico por aqui. Quero parabenizar o DIEESE, uma entidade importante. Setenta anos de existência, chegando com todo esse vigor, produzindo, lutando e orientando, a cada dia que passa, a classe trabalhadora, não é para qualquer um. É muito difícil.

Parabéns ao DIEESE e muita vida longa a todos.